

# América Latina pede tratamento político

WASHINGTON — O Presidente do Banco Mundial, Alden Clausen, parece despejar uma pá de cal sobre a chamada doutrina da “recuperação pela recessão”, que representou nos últimos três anos a essência da política econômica seguida pelos países mais endividados sob orientação das instituições internacionais. Ao qualificar de intoleráveis os sacrifícios impostos às populações do bloco de grandes devedores em consequência das severas medidas de contenção levadas a prática, ele anuncia a adesão do Banco a um novo posicionamento identificado com as idéias do chamado “Plano Baker” (formação de um fundo de empréstimos adicionais de US\$ 40 bilhões para custear a retomada do crescimento econômico dos 15 maiores devedores nos próximos teês anos).

Ao que se comenta em Washington, essa tomada de posição do Pre-

sidente de uma instituição que até aqui não se distinguia pela atitude crítica em relação às medidas de austeridade adotadas em grande parte do continente, representa uma resposta aos bancos comerciais que se recusavam a endossar o Plano Baker antes de que o Banco Mundial e o FMI se definissem claramente a esse respeito.

No dizer de um desses banqueiros, o novo pronunciamento marca acima de tudo um despertar da ilusão em torno do que vinha sendo chamado de “milagre econômico” nos países endividados, ou seja, a esperança de que os superávits formados na balança de comércio exterior de tais países iriam conduzir a uma solução dos problemas essenciais.

O “milagre”, no caso, não deixou de se revestir de uma aparência das mais impressionantes se se considera que em 1984 o volume total de saldos positivos acumulados na balan-

ça de comércio exterior dos 15 maiores devedores do mundo somava um total de US\$ 44 bilhões. E isso representava apenas US\$ 1 bilhão menos do que os US\$ 45 bilhões que esses países precisam pagar anualmente pelo serviço e os juros de suas dívidas.

Mas conforme reconheceu Alden Clausen, o caráter efêmero de tão formidável desempenho vai ficar caracterizado em 1985 quando se estima que os superávits nos 15 países sofrerão uma queda drástica, descedo para US\$ 35 bilhões.

Para a maioria dos observadores, esse resultado já é o reflexo do processo de desengajamento da política de austeridade econômica que, conforme observa a revista “Fortune”, foi desencadeado em setembro passado pelos pronunciamentos nas Nações Unidas de dois novos Presidentes latino-americanos, José Sarney, do Brasil, e Alan Garcia Perez, do Peru.